

Leila Navarro

**TALENTO  
PARA SER  
FELIZ**

Encare os desafios e os obstáculos do mundo globalizado e conquiste o sucesso



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro  
2009

## Sumário

Prefácio	11
Introdução	13
Capítulo 1 — Identificando nosso bicho-papão	17
Capítulo 2 — Estilo de vida	41
Capítulo 3 — A descoberta da missão	63
Capítulo 4 — Talento, habilidade e competência	85
Capítulo 5 — Os novos valores	113
Capítulo 6 — Os novos desafios	123
Epílogo	135

## Capítulo 1

# Identificando nosso bicho-papão

*E que a força do medo que tenho  
não me impeça de ver o que anseio.  
Que a morte de tudo o que acredito  
não me tape os ouvidos nem a boca.  
Porque metade de mim é o  
que eu grito, mas metade é silêncio.*

“METADE”, MÚSICA DE OSWALDO MONTENEGRO

Conheci uma alta executiva de uma grande empresa, respeitadíssima por todos. Trabalhava duro, vestia a camisa e defendia, incondicionalmente, os valores e a cultura da organização, à qual atribuía seu crescimento profissional e social. Mas esse conto de fadas moderno acaba aí. Certa vez, conversando comigo, ela me contou um bem guardado segredo: alguns anos antes viu-se obrigada a extirpar útero e ovário. Temerosa de que a cirurgia pudesse de

alguma forma criar problemas para a sua carreira e imagem profissional, pediu férias e, às escondidas, submeteu-se à operação. Ninguém na empresa ficou sabendo, e todos ignoraram também o difícil período de depressão que acompanhou a convalescença.

“Nem sei como conseguia sair da cama algumas manhãs para trabalhar. Fazia um esforço extraordinário para tomar banho, me vestir, manter as aparências. Hoje, eu me pergunto se fui justa comigo”, contou ela.

Essa história é bem menos absurda do que parece — afinal, quase diariamente encontro homens e mulheres capazes de fazer qualquer coisa para não atrapalhar a sua atividade profissional. Às vezes, tomam atitudes conscientes tão drásticas quanto a dessa executiva. Outras vezes nem chegam a perceber a violência que cometem contra si mesmos em nome do “bom desenvolvimento do trabalho”. Foi o caso de um grupo de funcionárias de outra grande empresa.

Certa ocasião, o departamento médico constatou uma alta incidência de uretrite entre as mulheres desse grupo. A área de recursos humanos foi instruída a colocar um bebedouro mais perto delas e a explicar-lhes a importância de consumir mais água. Algum tempo depois, verificou-se que o problema continuava e que os galões de água raramente eram tocados. Decidiram, então, distribuir jarras de água pelas mesas. Mas o quadro persistiu. Uma pesquisa mais profunda acabou revelando uma situação inusitada: as mulheres não só

não bebiam água, como também raramente urinavam porque... achavam que não tinham tempo!

Algo semelhante ocorreu com um diretor-executivo de uma multinacional que, apesar de estressado, recusou-se a aceitar ordens médicas para tirar uma licença.

“Fui alertado de que, se continuasse no ritmo que havia imposto à minha vida, poderia me dar muito mal. Estava acima do peso, minha pressão sanguínea oscilava, sentia falta de ar, fortes dores de cabeça e não conseguia dormir mais do que quatro ou cinco horas por noite. Acor-dava cansado! Mas não admitia a ideia de que precisava parar um pouco, relaxar. Eu me sentia responsável por meus funcionários e pelo bom andamento dos trabalhos. Eu tinha de dar o exemplo e não adoecer.”

Eu pergunto: Isso é sinal de fraqueza ou onipotência?

Menos de dois meses depois do conselho médico — e apesar dos medicamentos que passou a tomar —, esse homem foi vítima de um infarto que o afastou por seis meses do cargo.

O que está por trás de atitudes desse tipo? Errou quem pensa em “zelo louvável pela carreira e pela empresa em que essas pessoas trabalham”. A experiência que adquiri como fisioterapeuta, e mais recentemente como estudiosa de questões relacionadas com qualidade de vida, desempenho profissional, motivação e criatividade, prova que o problema está “mais embaixo”. Tenho comprovado, pelo contato com profissionais de empresas nacionais e multinacionais dos mais variados tamanhos,

que comportamentos como os descritos no início deste capítulo revelam nada mais, nada menos que um *medo enorme* de perder o emprego e o *status* social duramente conquistados. Algumas vezes, o medo é consciente, outras não. Seja como for, ele existe e é poderoso: mina nossas forças, sufoca nossos anseios, paralisa nossa criatividade, compromete nossa evolução. Por causa dele — e para evitarmos situações ameaçadoras — nos impomos uma série de condicionamentos colecionados vida afora e que, com frequência, mais atrapalham do que ajudam. Fomos educados para sermos os melhores, sim, e também responsáveis, competentes, interativos, objetivos. Absorvemos os ideais de bem-estar da sociedade em que vivemos e valorizamos o reconhecimento financeiro e social que premia os nossos esforços. Nada de errado nisso, só que... se precisamos esconder nossas mazelas e angústias — acreditando que “roupa suja se lava em casa” — e abdicar de nossos sonhos e necessidades mais corriqueiras para alcançar uma posição, algo não está certo. Não se vence o medo olhando para fora.

## O silêncio e o grito

Estão em jogo dois fatores importantíssimos: a *metade de nós que grita* — e tenta projetar uma imagem de eficiência, responsabilidade e conhecimento — e a *metade que cala* — porque está prenhe de sentimentos que, imaginamos, podem encobrir a primeira.

Não somos apenas trabalhadores atentos, ciosos, responsáveis, que tudo sabem e tudo fazem. Também temos preocupações, dores, dúvidas bem escondidas em uma parte silenciosa de nós. Escondidas, mas não inativas, pois elas consomem nossa energia. Se não formos capazes de admitir que elas existem e olhá-las de frente, não poderemos superá-las. E o que é pior: elas aumentarão até minarem nossas ações e comprometerem nossas possibilidades reais de felicidade e sucesso. Portanto, é vital enfrentá-las. Vamos começar?

Responda rápida e honestamente, sem se preocupar em parecer frágil ou covarde:

Além da morte e de uma doença grave, o que mais você teme?

Se respondeu ameaça de desemprego ou dificuldade para arrumar trabalho, falta de dinheiro ou queda de prestígio profissional e social, uma boa notícia: você não está sozinho! Faz parte da maioria das pessoas que convivem com esses fantasmas de mil raízes, todos bem enterrados em nosso coração e em nossa mente. Não possuem nomes e se expressam por meio de perguntas como:

- O que preciso fazer para manter o emprego?
- Vou conseguir corresponder às expectativas do meu chefe?
- Quais conhecimentos e habilidades preciso adquirir para enfrentar os desafios de um novo cargo?
- É importante dizer o que penso?

- Quando e como posso fazer isso?
- Preciso abrir mão da minha vida pessoal e de aspectos da minha personalidade?
- Se não der certo, tenho uma formação adequada às necessidades do mercado de trabalho?
- Serei obrigado a aceitar um emprego a quem dos meus talentos?

Se você supõe que os profissionais autônomos estão a salvo desses fantasmas, engana-se. Eles também têm dúvidas sérias:

- O que posso fazer para aumentar a minha clientela?
- Como conquistar um espaço só meu, com tantos profissionais idôneos no mercado?
- E se meu maior cliente não quiser renovar o contrato de trabalho?
- Como lidar com crises?

E todos, sem exceção — empregados e autônomos —, acabam por fazer a mesma pergunta: “E o meu futuro? Qual será o meu futuro?”

## Desemprego, um inimigo da autoestima

O quadro se torna sensivelmente mais dramático para quem está desempregado, pois, além de dificuldades financeiras, alguém nessa situação enfrenta fantasmas internos nada

camaradas, como o sentimento de fracasso, de inadequação e de inutilidade. Ou a crença de que é dispensável e está ultrapassado. Como consequência sobrevêm queda na autoestima, insegurança, depressão e, às vezes, até vergonha. Isso mesmo! Muita gente se sente culpada por estar desempregada — ainda que não seja, de fato, culpada.

Recentemente, uma gerente de grande loja de departamentos confessou não ter dado entrada em seu seguro-desemprego por vergonha de ser vista em uma fila de desempregados e também por achar que com isso oficializaria, definitivamente, uma condição que não aceitava. Ela precisava muito do dinheiro, mas a necessidade não foi suficiente para vencer sua barreira.

O mesmo aconteceu com um homem. Não só ele não tentou receber o seu seguro-desemprego, como demorou quase dois meses para contar à família que havia sido demitido: todos os dias, saía de casa como se fosse trabalhar e gastava seu tempo em intermináveis e infrutíferos passeios pela cidade, intercalados pela leitura exaustiva das ofertas de emprego publicadas nos jornais diários. O que é pior, não encontrava nada que lhe servisse, não porque achasse que era bom demais para uma função e, sim, porque se sentia incapaz de exercê-la. Ele simplesmente não acreditava que tinha condições para encontrar um novo espaço no mercado de trabalho e pensava: “O que tenho a oferecer? Quem vai querer dar emprego a um homem que foi demitido? Se eu fui demitido é porque não sou bom!”

Finalmente, pressionado por suas contas, submeteu-se à seleção para preenchimento de uma vaga. Passou e foi contratado, só que por um salário bem inferior ao que gostaria.

A história de um ex-diretor de RH de uma grande empresa também é exemplar:

Quando me comunicaram que haviam desativado o setor no qual eu trabalhava e que meu cargo estava à disposição, caí literalmente de quatro. Demorei uns três meses para começar a me levantar e a pensar o que queria fazer da minha vida. Tudo o que eu conseguia dizer para mim mesmo era: quero trabalhar, preciso trabalhar.

## O medo, um inimigo a ser olhado de frente

O pesadelo que assombra empregados e desempregados é alimentado por um número incontável de fatores externos. Mas é possível, pelo menos, detectar os mais comuns: a situação econômica nacional, a crise mundial, a falta de emprego, a ameaça da concorrência, a introdução de novos modelos de gerenciamento e atuação, a competição acirrada do mercado de trabalho, a rapidez do avanço tecnológico, a mudança de valores, a quantidade extraordinária de informações que passamos a receber diariamente... Sem dúvida, isso tudo é muita “areia para nosso caminhãozinho”! Estamos acuados por conceitos, palavras ou comportamentos que não entendemos, mas nos mantemos na ignorância porque tememos perguntar

à consciência — mais uma vez o medo, claramente impedindo o nosso aumento de conhecimento e a aquisição de novos valores! Enquanto isso, ficamos remoendo:

- O que é que está acontecendo? Não entendo mais nada!
- Quais são as regras do jogo? Aliás, que jogo é esse?
- Melhoria contínua? Avaliação de desempenho? E se ficar claro para todo mundo que não sou tão competente assim? Não sou? Não sei!
- E essa história de *feedback* 360 graus? Ficar na berlinda, ouvindo crítica de todo lado! Socorro!

Todo mundo sabe que nada é mais assustador do que o desconhecido, e nesse terrível “faz de conta” que nos leva a esconder o que não sabemos e o que tememos, acabamos deixando de ver os pontos positivos desses processos, ignoramos todas as possibilidades criativas que uma situação de crise propicia, e esquecemos — ou não valorizamos — as qualidades que possuímos e que nos ajudariam a superar as dificuldades. Ou seja: nos mantemos presos a um cenário altamente desconfortável por medo e pelo silêncio. E qual é a saída? Mudar! Mas no esteio dessa resposta, surgem outras dúvidas: Mudar como? Mudar para quê? Mudar por quê?

Antes de respondermos a essas perguntas, cabe a nós afastar o medo da mudança e o desejo de que o tempo pare e que tudo permaneça exatamente do jeito que está — afinal, nós, seres humanos, somos movimento contínuo e

o processo de crescimento só é possível porque o tempo corre. Livre dos medos, teremos todas as condições para aceitar as indesejáveis transformações fora de hora e passar a vê-las como uma grande oportunidade e não como uma ameaça. A partir daí, é possível descobrir nossos tesouros e verificar, com alívio, que o que nos assusta não é um bicho tão feio quanto, e que para vencê-lo não precisamos de nenhuma arma de última geração. Basta termos consciência do nosso verdadeiro tamanho, dos nossos propósitos e do papel que exercemos na comunidade em que vivemos.

### Globalização: da conveniência à consciência

Em 1982, em um artigo publicado no jornal norte-americano *The New York Times*, o escritor de ficção científica Isaac Asimov antevia uma nova tendência para o futuro da humanidade, que chamou de globalismo. “Impôs-se sobre nossas mentes relutantes a visão que apresenta a Terra e a humanidade como uma única entidade”, constatava o autor, em uma alusão à visão do planeta a partir do espaço.

No artigo, ele abordava os avanços das telecomunicações via satélite, que possibilitavam a difusão de informações e trocas comerciais em escala global; falava das promessas da exploração do espaço e colonização de planetas próximos, que poderiam reforçar a cooperação entre os países e quem sabe proporcionar a tão sonhada paz mundial. Para ele, a visão dos muitos “pontinhos pla-

netários” do universo seria um apelo irresistível à união da raça humana. “É impossível olhar para tudo isso sem sentir que a Terra é parte de um todo imensamente maior. Isso faz com que sintamos que dividir o pontinho de poeira no qual vivemos em subpontinhos de poeira mutuamente hostis é pior que loucura: é ridículo.”

Asimov via o globalismo como a esperança de uma civilização maior, melhor e mais aberta, com mais versatilidade e flexibilidade, contando com recursos imensos. Mas identificava uma ameaça para essa utopia: o localismo, ou seja, a prevalência dos interesses de nações ou grupos em prejuízo dos interesses da humanidade como um todo. Passadas três décadas da publicação desse visionário artigo, nos encontramos vivendo plenamente a dicotomia de Asimov, em um globalismo econômico regido por interesses localistas.

Uma parte das promessas da globalização se cumpriu. Empresas que atuavam em um único país cruzaram fronteiras, instalaram-se em novos mercados, aumentaram formidavelmente sua escala de produção e baratearam o custo de seus produtos, que se tornaram mais acessíveis para centenas de milhões de pessoas. Bens de consumo sofisticados como computadores, celulares, aparelhos de DVD e automóveis estão presentes em uma quantidade inimaginável de lares, mesmo em países que jamais desenvolveram tecnologia.

Sem dúvida, a globalização tem sido capaz de produzir muita riqueza, mas não a tem distribuído igualitariamente. É visível que o mundo está cada vez mais polarizado entre

os que muito têm e os que pouco ou nada têm — sendo que o primeiro grupo, segundo a Organização das Nações Unidas, representa só 20% da população mundial.

## Um perfil do nosso planeta

Se o mundo pudesse ser representado por uma vila de 100 habitantes, como seria essa população? Quantos habitantes seriam pobres e quantos seriam ricos? Quantos seriam brancos, quantos negros, quantos indígenas? Esse curioso exercício foi feito na virada do milênio por Phillip M. Harter, professor da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, que criou um retrato da diversidade e da desigualdade da população mundial.

Assim, se o mundo fosse uma vila de 100 habitantes:

- haveria 57 asiáticos, 21 europeus, 14 americanos (do Norte e do Sul) e 8 africanos;
- 52 seriam mulheres e 48, homens;
- 30 seriam brancos e 70, não brancos (amarelos, vermelhos ou negros);
- 30 seriam católicos e 70, de outras religiões;
- 6 deteriam 59% de toda riqueza;
- 80 morariam em casas abaixo do padrão desejável;
- 70 seriam analfabetos;
- 50 seriam desnutridos;
- um estaria à beira da morte;
- um estaria prestes a nascer;

- um teria nível superior;
- um teria computador.

Longe de unir a humanidade, a globalização parece estar agravando um velho problema: a exclusão. Excluir é a nossa forma de lidar com tudo aquilo que incomoda, desagrada ou é diferente, e o fazemos de tantas maneiras! Segregamos, evitamos conviver, condenamos, combatemos ou simplesmente ignoramos. Se em outros tempos as “tribos” humanas viviam fechadas em si mesmas, a globalização as aproximou e forçou sua convivência.

O inevitável contato entre pessoas de diversas etnias, nacionalidades, religiões, classes sociais, idiomas e ideologias tem produzido até agora mais conflito do que entendimento. Some-se isso ao fosso que existe entre “os que têm” e “os que não têm” e a exclusão se mostra em toda parte. Nos países ricos, imigrantes que buscam melhores condições de vida são marginalizados ou expulsos. Nas grandes cidades, populações de baixa ou nenhuma renda são empurradas para periferias, morros, ruas ou vãos dos viadutos. Guerras “santas”, conflitos étnicos, batalhas comerciais e ganância produzem legiões de excluídos — gente sem teto, sem terra, sem pátria, sem escola, sem emprego, sem comida.

Se essas distorções são cruéis, suas consequências também são perversas — e a própria globalização as está jogando em nossa cara. O mundo globalizado criou uma relação de interdependência da qual não podemos esca-

par. Um acontecimento “isolado” repercute no mundo inteiro, gerando reações em cadeia com uma velocidade e intensidade surpreendentes. Creio que ninguém mais duvida disso depois da crise das hipotecas que estourou em Wall Street, o centro financeiro dos Estados Unidos, e levou de arrastão bancos do mundo inteiro, que, por sua vez, ficaram sem dinheiro para emprestar a empresas, que demitiram funcionários, que... Bem, conhecemos em detalhes essa história.

Mas como Deus escreve certo por linhas tortas, esse nosso imperfeito e injusto modelo de globalização nos fará compreender que não podemos continuar ignorando as consequências de nossas ações. Enquanto tivermos atitudes unilaterais, sem considerar os efeitos que elas trarão para outras pessoas, também seremos afetados pelas consequências indesejáveis que causamos. Essa compreensão, penso eu, passa pelo conceito de inclusão, que é olhar para os outros, considerá-los, ter consciência de suas necessidades e procurar conciliá-las com as nossas.

Inclusão é mais do que atitudes humanistas e bem-intencionadas. Na verdade, pode ser a solução para o que o mundo exige de nós como cidadãos e profissionais: fazer as coisas com pouco dinheiro, poucos recursos, pouco tempo, pouca gente. É o que procuro demonstrar com uma *vivência* em minhas palestras, na qual eu e um grupo de voluntários da plateia fazemos uma nova versão da conhecida “dança das cadeiras”.

Lembra-se dessa brincadeira? Enquanto toca uma música, um grupo de pessoas circula em torno de uma fila de

cadeiras e sempre há uma cadeira a menos do que o número de participantes. Então a música para e os participantes sentam-se rapidamente na cadeira mais próxima. Como há uma cadeira a menos, um dos participantes fica “sobrando” e sai da brincadeira — é excluído. Pois bem, na nova versão que inventei, as cadeiras vão sendo sucessivamente retiradas, mas ninguém sai da brincadeira — ninguém é excluído. O objetivo da brincadeira é que toda aquela gente consiga compartilhar cada vez menos cadeiras, e para isso se sentam no colo das outras, se apoiam, se ajudam, se incluem. Chega um momento em que a brincadeira não tem mais cadeira nem música: as pessoas, formando um círculo, sentam-se sobre os joelhos de quem está atrás delas. Essa é a mágica da inclusão: todos participam dando o que têm e recebendo o que precisam, e com isso conseguem realizar o que parecia impossível.

Estamos praticando ainda uma globalização *pela conveniência*, na qual cada um faz o que convém a si e a seus interesses. Mas os desajustes que estamos provocando e sofrendo nos levarão à *globalização pela consciência* de que tudo está interligado e que somos parte de um único organismo.

## Um pulo no escuro

Um homem, após trabalhar vinte anos em uma empresa, pediu demissão. Os motivos não vêm ao caso, mas é importante ressaltar que ele não tinha nenhum outro

emprego em vista. Um amigo muito próximo criticou sua decisão:

— Não se pede demissão em tempos difíceis como o nosso e, principalmente, na nossa idade. Você vai acabar engrossando o contingente de desempregados. Como é que você foi capaz de uma atitude dessa: pular no escuro, sem nada engatilhado?

Com firmeza, o homem respondeu:

— Estou pulando no escuro, sim, mas não sou cego e não estou desprotegido. Tenho o meu paraquedas!

— Que paraquedas é esse? O que é que você está falando?”

— Estou falando das minhas competências e da minha vontade de mudar. Isso vale mais do que emprego garantido.

E ele tinha razão.

O século XXI está exigindo de todos nós a coragem de pular no escuro, de testar nossos limites, de buscar o conhecimento de que necessitamos, onde ele estiver — o que implica concentração, disponibilidade e abertura na mente. Não dá mais para ligar o piloto automático, acreditando que pousaremos sem solavancos. Neste voo da Humanidade, precisamos estar conscientes de nossos movimentos, conhecer nossas atribuições e aceitar as exigências de comprometimento. Para tanto, precisamos entender o mundo globalizado, em que as empresas competem acirradamente e as mudanças são rápidas e constantes não como uma ameaça, mas, sim, como o resultado natural e irreversível do processo de desenvolvimento.

Séculos de experiência, aprendizado, estudo, pesquisa e reflexão estão desaguando nesta ideologia que prioriza o homem e o seu habitat, reduzindo os conflitos, expandindo o conhecimento adquirido. Nos tempos atuais, as experiências positivas devem ser compartilhadas — e isso vale tanto para o campo científico e tecnológico quanto para a educação ou qualquer outra área da vida. Não faz mais sentido defender soluções isolacionistas: nossa pátria é o mundo, nossos continentes têm todas as cores e credos. As fronteiras caem, as nações se unem em torno de objetivos comuns.

Nesse sentido, sermos os melhores não significa — como muita gente ainda acredita — que precisamos nos armar para vencer a guerra com nossos concorrentes. Significa, na verdade, sermos os melhores para contribuir de maneira eficaz e concreta para o bem-estar de todos.

## Economia e Tecnologia

“Como vai você? Tudo bem?”

Experimente fazer essas duas perguntas a dez pessoas diferentes. É bem possível que uma ou duas contem os seus problemas amorosos, mas eu posso apostar que pelo menos oito vão responder:

“Vou indo... quer dizer... mais ou menos! Mas quem é que pode estar bem com a economia desse jeito?”

A resposta pode variar ligeiramente, mas vai sempre apresentar a grande vilã da atualidade: a economia, que adquire os traços de um polvo gigantesco de muitos tentáculos, que apertam nosso pescoço e determinam nosso comportamento. É o tentáculo da crise financeira global, o da recessão, o da falta de crédito... Mas se Deus é brasileiro, esse polvo não é: domina todas as raças e nações do planeta, obrigando-nos a aguentar as consequências do que acontece a milhares de quilômetros de distância. Não podemos fugir, por exemplo, das oscilações da bolsa de Nova York, da quebra da safra chinesa de arroz, da formação de mercados que reúnem países de determinado continente. Atualmente, qualquer fato que envolva meios de produção, comércio ou finanças desencadeia uma reação em âmbito planetário. A crise é mundial, não respeita fronteiras ou credos. Terminou definitivamente a época do “não tenho nada com isso”, seja lá o que *isso* significue.

Nós, brasileiros, conhecemos bem as agruras da instabilidade econômica, pois já passamos por várias alterações drásticas, apresentadas sob a forma de planos, programas etc. Duvido que qualquer um de nós, leigo, saiba enumerar as moedas que tivemos nesse período sem consultar os livros, mas estou segura de que todos, sem exceção, lembram-se de que maneira isso afetou suas vidas e não têm pruridos em confessar a grande insegurança que sentem por viverem em uma época tão sujeita a mudanças radicais como a nossa.

Nada contra as mudanças — acho que elas são necessárias e bem-vindas. Afinal, é preciso que o *velho* morra para o *novo* florescer, em um processo que o economista

Joseph Schumpeter chamou de “destruição criativa”. Isso aconteceu muitas vezes na história da Humanidade.

Por exemplo, a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, substituiu a sociedade eminentemente agrícola, abriu caminho para o avanço tecnológico, definiu o emprego tal qual o conhecemos hoje e transformou a economia e a vida de todos os habitantes do planeta. Muitas atividades que eram executadas manualmente passaram a ser feitas por máquinas e surgiram novas funções, aumentando a necessidade de uma educação mais específica.

Claro que esse processo teve suas vítimas, apresentou diversas dificuldades, mas, se comparado ao que vivemos hoje, foi lento — cobriu um período de quase 200 anos! Essa “lentidão” facilitou a adaptação e permitiu uma participação das pessoas no estabelecimento de dogmas, métodos e procedimentos. Entre mortos e feridos, sobraram as sementes de outra realidade completamente diferente: a economia pós-industrial, cujos processos se caracterizam pela complexidade e extraordinária rapidez.

## Às voltas com a tecnologia

Certa vez, um jornalista veterano me contou como se adaptou às mudanças tecnológicas que ocorreram ao longo da carreira. Ele, que iniciara a profissão no tempo da máquina de escrever e do telex, viu-se, um belo dia, diante de um computador e de um aparelho de fax. Sem saber o que fazer, pediu ajuda a um jovem. Aprendeu o

básico, fazendo de seu PC uma máquina de escrever um pouco mais sofisticada. “Nessa época, eu dizia que mais importante do que o computador era o telefone, bem perto, para que eu pudesse pedir socorro todas as vezes que acontecia algo que eu não entendia”, diverte-se ele.

Depois de dois anos, quando acreditava dominar perfeitamente a máquina, pediram-lhe que fizesse seus trabalhos em outro programa, mais avançado e recém-lançado no mercado. Mais uma vez foi obrigado a pedir ajuda e descobriu que precisava comprar um PC mais potente. Novas aulas, vários telefonemas... Hoje usa notebook, comunica-se por e-mail por intermédio de um smartphone e tem seu próprio blog de notícias. “Se eu não tivesse nada disso, estaria fora do mercado”, justifica.

E estaria mesmo! Atualmente, o novo envelhece muito rapidamente!

Porém, o maior problema não reside em adquirir ou manipular novos equipamentos. Está, isso sim, na reciclagem contínua a que devemos nos submeter — tanto no plano intelectual quanto emocional — para acompanhar a evolução tecnológica, as mudanças de comportamento e atender as exigências cada vez mais sofisticadas da sociedade e do mercado de trabalho. Não fomos preparados para isso. É sabido que o ensino básico nacional mantém um padrão educacional ultrapassado e não incentiva habilidades como a curiosidade, o pensamento analítico, o trabalho em equipe, a comunicação, a criatividade. Não é mistério, também, que as escolas superiores deixam muito a desejar no que se refere à formação profissional:

os conhecimentos caducam em poucos anos e é preciso reciclá-los constantemente. Esse é um dos motivos pelos quais algumas grandes empresas estão realizando verdadeiros “vestibulares” para selecionar jovens recém-formados: os melhores são contratados, mas antes de pegarem no batente fazem cursos práticos ministrados por profissionais altamente qualificados. Nesses casos, ganha o jovem, que aperfeiçoa seus conhecimentos; e ganha a empresa, que passa a ter funcionários realmente eficientes e harmonizados com seus valores e sua cultura. No entanto, o contingente que se beneficia desse tipo de procedimento é ainda pequeno.

A grande maioria navega, sem rumo, em um mar de incertezas altamente turbulento, recebendo ordens e contraordens a cada instante. É como se vivesse uma revolução por minuto ou tivesse, nas mãos, um imenso caleidoscópio que, ao mais leve movimento, apresenta uma nova imagem, com formas e cores inteiramente diferentes da anterior. Só que essas pessoas não têm o controle desse caleidoscópio, sentem-se despreparadas para lidar com ele e acabam naufragando. Fazer o quê? Acreditar em quê?

### Quantas carreiras cabem em uma vida?

Assistimos, frequentemente impassíveis, à queda de ícones respeitadíssimos e à substituição de crenças e valores seculares por outros que sequer entendemos. Por exemplo, a velha prática de escolher uma carreira e segui-la até a aposentadoria não funciona mais. Uma série de fatores — de

ordem econômica, inclusive — podem exigir mudanças de curso e devemos estar preparados para enfrentá-las.

Um exemplo disso é dado por um conhecido. Ele se formou em direito, mas só trabalhou como advogado por um mês. Decidiu seguir jornalismo e foi muito bem-sucedido nessa profissão durante aproximadamente 20 anos. Mas sentia-se inquieto e resolveu estudar psicologia. Depois da formatura, começou a clinicar, tentando abrir espaço em uma área de muitos profissionais em um momento no qual as pessoas, de um modo geral, se afastam das terapias tradicionais e buscam soluções mais rápidas para seus problemas — ninguém tem mais tempo ou dinheiro para longos processos de autoconhecimento, por melhores e mais eficazes que eles sejam. Após algum tempo, esse conhecido percebeu que a clínica não era o suficiente para garantir a sua sobrevivência. O que fez ele? Passou a se interessar pelos aspectos psicológicos da área criminal, desenvolvendo um trabalho de comunicação de informações que poderiam ajudar outros estudiosos do assunto. Ou seja: somou os conhecimentos adquiridos pela vida afora e conseguiu abrir um espaço no qual ele se colocou por *inteiro*. A essa altura, você deve estar pensando: “Ora, mas esses casos são muito especiais! Eu não poderia me dar ao luxo de ficar mudando de carreira. Tenho tudo contra e nada a favor!”

Mas eu gostaria de fazer uma sugestão. Fuja da armadilha que você mesmo arma ao dizer “não estou preparado, não sou capaz, não vou conseguir” e pelo menos

pense na possibilidade de agarrar firmemente o leme da sua vida, orientando seu barco — você — para atravessar a turbulência e chegar à terra firme. Afinal, todos nós temos um lado Mulher Maravilha ou Super-Homem! Todos nós somos dotados de qualidades, habilidades e competências.

É certo que não podemos mudar a direção dos ventos mas, com certeza, podemos alterar a posição das velas.